

Cátedra Olavo Setubal
de Arte, Cultura e Ciência

SUSANA YAMAUCHI:
**POR UMA FORMAÇÃO
CONTEMPORÂNEA E
INTERDISCIPLINAR DE DANÇA**

JOSIE BEREZIN

SUSANA YAMAUCHI: POR UMA FORMAÇÃO CONTEMPORÂNEA E INTERDISCIPLINAR DE DANÇA

JOSIE BEREZIN¹

¹ Bailarina, arte-educadora e produtora. Realiza mestrado em artes da cena na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é integrante do Entre Elas Coletivo e recentemente ministrou o curso Corpo, Arte e Movimento para alunos do ensino fundamental da rede pública. É graduada em ciências sociais e tem especialização em gestão cultural. Foi colaboradora da Escola Fórum das Artes em diversos projetos de arte, cultura e educação, colaborou no Museu da Dança com pesquisa e criação de conteúdo e participa de performances com artistas diversos.

Susana Yamauchi é uma expoente artista da dança, com sólida carreira cercada de grandes nomes nacionais e internacionais. Sua trajetória de bailarina é mais conhecida, porém, pouco se sabe de seu papel como diretora de projetos como o Núcleo Luz e da Escola de Dança do Teatro Municipal de São Paulo (EDTM). Susana teve relevante atuação na direção desta última, em especial, ao exercer o cargo entre 2011 e 2017 (ano em que forçosamente se desligou da escola) e ao renovar suas bases artístico-pedagógicas, o que significou uma profunda transformação na forma de fazer e enxergar dança para os estudantes e docentes da escola, e um importante serviço para a dança e para a comunidade da dança em geral.

Este trabalho tem o objetivo de traçar uma breve síntese da carreira de Susana Yamauchi e realizar uma pesquisa inicial sobre seu respeitável papel como dirigente cultural da EDTM, durante os períodos de gestão dos secretários de Cultura da cidade de São Paulo Carlos Augusto Calil, Juca Ferreira, Nabil Bonduki e André Sturm.

As buscas foram realizadas em livros, jornais, revistas, sites, publicações institucionais e conversas por e-mail com a própria Susana Yamauchi. Diante da falta de uma bibliografia mais completa e extensa sobre o período em que ela dirigiu a EDTM, a pesquisa baseou-se também em observações que a autora deste trabalho realizou como aluna de lá, entre 2013 e 2018, e nos relatos da direção e de parte da equipe que trabalhou com Susana, para que pudessem agregar suas próprias experiências do fazer artístico-pedagógico. Também a assessoria de imprensa da Praça das Artes e o secretário Carlos Augusto Calil, responsável por trazer Susana ao cargo de direção em 2011, contribuíram com informações. Ficam aqui profundos agradecimentos a todos pela atenção e colaboração prestada.

Formação e Carreira Artística

A diretora de teatro, atriz, dançarina e coreógrafa Susana Yamauchi dança desde os 6 anos de idade. Sua formação artística inclui importantes nomes da dança, como Ismael Guiser, Sonia Mota e Renée Gumiel. Susana estudou também na Escola Municipal de Bailados, que hoje recebe o nome de Escola de Dança do Theatro Municipal de São Paulo (EDTM) – instituição que dirigiu até recentemente.

Em sua carreira, alcançou destaque em realizações nacionais e internacionais. Ainda antes de completar 20 anos de idade, começou a dançar e coreografar para as principais companhias no Brasil, como Balé da Cidade de São Paulo, Cisne Negro, Ballet Stagium e Balé Teatro Castro Alves. Mais tarde, viajou para os Estados Unidos a fim de se especializar: estudou com ícones da dança moderna da década de 1970, como Alvin Ailey, Louis Falco e Merce Cunningham, recebeu bolsa de estudos pela Fulbright para aperfeiçoamento técnico em Nova York em 1985 e, como parte do elenco da americana Larry Richardson Dance Company, viajou em turnê pela Europa.

Em São Paulo, Susana apresentou obras de sua autoria e, em 1981, venceu o título de Melhor Espetáculo do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) com *Kiuanka*². Como *nikkei* interessada em suas raízes orientais, na década de 1990 trabalhou em pesquisas solo para melhor compreender suas origens. O primeiro resultado, o espetáculo *À Flor da Pele*, veio de um resgate de sua memória. O espetáculo seguinte, *A Face Oculta* (1995), contrapõe a mais pura tradição com a era cibernética. Para tal, Susana elaborou os personagens a partir de uma viagem para o Japão, onde “saboreou a experiência de andarilha pelo interior do país, dormiu em templos, confrontou-se com os paradoxos da cultura japonesa”, em palavras da jornalista (PONZIO, 1997). Em *Wabi-Sabi*, a terceira obra dessa trilogia, traduziu para a dança os conceitos zen-budistas, reunindo a beleza da simplicidade e da harmonia (*wabi*), assim como da imperfeição e da impermanência (*sabi*). A trilogia de espetáculos teve os figurinos idealizados pela própria Susana e foi apresentada diversas vezes tanto em São Paulo quanto em palcos internacionais, como no Tigtail Festival, em Miami, nos Estados Unidos.

Susana produziu muitos outros espetáculos, como *Muito Romântico* (1999), criado em parceria com o bailarino João Maurício, com direção de Naum Alves de Souza e músicas de Roberto Carlos. A obra viajou muito para a Europa (Alemanha, Áustria e Suíça) e suas coreografias “expressam relações afetivas, tudo o que envolve harmonia e dessincronia”, segundo Susana (PONZIO, 1999). Ainda em parceria com João Maurício e com o cineasta Fernando Meirelles, criou o espetáculo *Cubo* (2005), que une dança e computação gráfica. Nos anos seguintes, dirigiu *Pedrinho Luz*, que reconta a história russa de Petrouchka³, protagonizado por 42 jovens de 14 a 19 anos, moradores de determinados bairros paulistanos de alta vulnerabilidade social. O trabalho foi fruto do Projeto Espetáculo, do programa piloto das Fábricas de Cultura – da Secretaria de Cultura –, e resultou em sua itinerância pelos nove distritos atendidos, de forma que as comunidades das regiões puderam assistir às montagens realizadas. Com *Pedrinho Luz*, Susana cumpria o desafio de sensibilizar representantes do Banco Mundial a manter seus investimentos nas Fábricas de Cultura.

2 História de um pássaro que encanta um lavrador e um pescador, uma lenda criada por Yamauchi e outros bailarinos para contar o otimismo dessa ave em relação ao futuro do homem.

3 *Petrouchka* conta a história de um triângulo amoroso entre três bonecos de marionetes: Petrouchka ama a Bailarina, que o rejeita, ela prefere o Mouro. Petrouchka fica furioso e magoado e desafia-o. No duelo, ele acaba sendo morto e seu fantasma se levanta sobre o teatro e desafia novamente o charlatão, que acaba matando-o pela segunda vez. O balé original tem coreografia de Michel Fokine e música de Stravinsky. Já a adaptação é ambientada no Carnaval de São Paulo, com enredo atualizado por elementos urbanos e contemporâneos, e aborda temáticas como a cumplicidade amorosa, a aceitação do diferente, a perda do próximo, o abandono e a superação de situações difíceis.

Esse projeto foi embrião do Núcleo Luz, das Fábricas de Cultura. Foi criado em 2007 para oferecer a jovens de baixa renda a oportunidade de viverem a linguagem da dança de maneira aprofundada e semiprofissional, com programação diversificada de atividades. A participação é gratuita, mediante inscrição e processo seletivo, e o projeto oferece aos aprendizes matriculados uma bolsa-auxílio mensal, alimentação e transporte. Atualmente, Susana retomou seu trabalho nas periferias, atuando na coordenação artístico-pedagógica do programa Fábricas de Cultura. Ela conta que fica feliz por trabalhar com o que acredita, onde há “necessidade de acesso artístico-cultural, cuidados e afetos que falam muito, muito alto”, e por ver o esforço reverberar na ponta (YAMAUCHI, 2018).

Há muitas menções às obras de Susana na mídia (on-line e impressa), o que mostra seu grande prestígio entre seus pares da dança, críticos, jornalistas e público em geral. Mas, além de coreógrafa e consultora de dança das Fábricas de Cultura – diretora do Núcleo Luz por cinco anos e, entre 2011 e 2017, diretora da EDTM –, Susana foi assessora do programa *Rá Tim Bum* (TV Cultura), diretora do grupo LúDiCaDaNÇA e ministrou workshops de dança na Florida International University (FIU) e na New School for the Arts (NSA). Ela ministra cursos e workshops em São Paulo e participa de eventos, curadorias de festival de dança, filmes e programas educativos de TV. Também criou figurinos e cenários para shows de artistas como Arnaldo Antunes, com um trabalho de interface em linguagens artísticas, o que sempre esteve presente em seus hábitos de criação. Seu processo criativo está em constante evolução e “o tempo todo em observação, imaginação e experimentação” (ALVES, 2012), diz a artista.

A Direção da Escola de Dança do Theatro Municipal de São Paulo: 2011-2017

A Escola Municipal de Bailados foi fundada em 1940 como uma escola de dança pública e gratuita e contou com importantes nomes da dança em sua direção, como Vaslav Veltchek, Maria Olenewa, Marília Franco, Ady Addor, Klauss Vianna, Gil Saboya, Acácio Vallim Jr. e Esmeralda Penha Gazal.

Em 2011, o secretário da Cultura do município de São Paulo, Carlos Augusto Calil, convidou Susana Yamauchi para assumir a direção da então Escola Municipal de Bailados. Conforme o secretário, a escola contava com uma pedagogia ultrapassada e um pensamento predominantemente anacrônico, com aulas voltadas quase exclusivamente para o balé clássico. O convite se deu com a intenção de modernizar e atualizar a escola, assim como havia sido feito com o Balé da Cidade há mais de 30 anos (CALIL, 2017).

A partir de 2011, então, uma série de mudanças ocorreu, inaugurando-se uma nova fase na história da instituição, que em maio passou a se chamar Escola de Dança de São Paulo (Edasp). Em 2012, a gestão da Edasp, antes feita pela Prefeitura de São Paulo (Departamento de Teatros – Theatro Municipal), passou para a recém-criada Fundação Theatro Municipal de São Paulo. No ano seguinte, houve a mudança de espaço: após 70 anos funcionando nos baixos do Viaduto do Chá, em fins de 2013 a escola foi transferida para novo edifício, chamado Praça das Artes, no Anhangabaú, complexo cultural que abrigaria os seis corpos artísticos do Theatro Municipal (Orquestra Sinfônica Municipal, Orquestra Experimental de Repertório, Quarteto de Cordas, Coral Lírico, Balé da Cidade e Coral Paulistano) e as escolas municipais de dança e música, e que tinha as seguintes intenções:

4 O projeto inicial, na gestão de Calil, incluía aproximação programática com o Balé da Cidade e acordos internacionais com outras escolas públicas. Porém, a Praça das Artes não teve seu projeto finalizado nas gestões seguintes (nas prefeituras de Haddad e Dória), o que impediu a aproximação natural da escola com o Balé da Cidade e a continuidade aos programas de intercâmbio internacionais. A previsão é a de que, em 2019, as obras sejam finalizadas e que o prédio possa abrigar, além do Balé da Cidade, a Orquestra Sinfônica Municipal, o Coral Lírico e o Coral Paulistano.

A Praça das Artes, com aproximadamente 28.500 m², foi concebida pela Secretaria Municipal de Cultura para se tornar um polo irradiador de cultura no centro da cidade. Além de impulsionar a recuperação da região central pelo vetor cultural, a Praça das Artes tem o objetivo de integrar todos os corpos artísticos do Theatro Municipal de São Paulo que se encontram dispersos em prédios alugados em diferentes pontos da cidade, em muitos casos, impróprios para a atividade. O compartilhamento de espaços dedicados às escolas de dança e música em um mesmo complexo cultural proporcionará uma formação complementar⁴ (REVISTA EM CARTAZ, 2016).

Como parte das transformações da escola, Susana renovou profundamente as bases artístico-pedagógicas, com uma proposta de processo educativo continuado, como garantia de amplitude das transformações. O eixo principal deixou de ser o balé, e a dança como um todo passou a ser valorizada, o que criou um novo pensamento e abriu oportunidades. Apesar de as diferentes formas de dançar já estarem presentes anteriormente, não tinham tanta força nem se comunicavam de forma integrada: “As outras técnicas só entravam nos últimos anos [da formação] e orbitavam em torno do balé”, segundo Susana. Em sua gestão, ela trouxe um pensamento interdisciplinar, o balé passou a estar mais integrado às outras disciplinas, como composição, dança moderna e contemporânea ou consciência corporal. Tais transformações não agradaram a todos inicialmente, mas, segundo a visão de Susana, a escola “é profissionalizante, não para domesticar o aluno a subir a perna ou fazer *fouettés* [giros com a perna no ar, passo característico do balé]. Temos responsabilidade com essas crianças que vêm de longe, passam muitas horas aqui, precisamos oferecer um leque que contemple as diversas formas de expressão na dança” (BIDERMAN, 2015).

A integração do balé com as outras disciplinas se traduziu, na prática, na contratação de equipe de professores e coordenadores capacitados em transmitir os conhecimentos e valores das novas diretrizes pedagógicas, e na proposta de transversalidade entre disciplinas e conteúdos. Também nas mudanças no currículo: introdução de aula de jogos e acrobacias no 1º ano, aulas de dança contemporânea e composição a partir do 3º ano, aulas de pilates a partir do 5º ano e aumento da carga horária. Tudo isso para que os bailarinos pudessem pensar a dança de forma mais ampla, segundo informou Flávio Lima, professor de dança contemporânea da escola. Em termos estruturais, aconteciam reuniões pedagógicas com os professores, organizadas de forma vertical e horizontal; reuniões semanais com toda a equipe, incluindo os músicos; e cursos de formação continuada duas vezes por ano para professores e músicos, com diversos professores de dança contemporânea, clássica e pilates e com os próprios músicos da escola.

Ao todo, 14 disciplinas foram distribuídas ao longo dos nove anos do Programa de Formação em Dança, com aulas práticas, teóricas e criativas, cujo intuito era desenvolver a vocação técnica e artística dos alunos. Nas palavras de Susana, “tem balé, mas tem o resto, o aluno tem que comer do prato todo. Ser bailarino é assim mesmo, muito difícil, ainda mais no Brasil” (BIDERMAN, 2015). Ao longo do ano, a escola mantinha o hábito de promover diversas apresentações, com montagens originais realizadas pelos professores em colaboração com os alunos, entendidas como parte essencial do processo formativo em dança. Assim, oferecia espaço para que os alunos

mostrassem seu crescimento artístico em espetáculos e aulas abertas em espaços públicos, como o vão-livre da Praça das Artes, o Conservatório Musical, a Galeria Olido, o Centro Cultural São Paulo e o Theatro Municipal.

Além das apresentações, entre 2016 e 2017 foi criada a companhia de dança Corpo Jovem, por meio de audição feita com ex-alunos da escola. Segundo Susana, a intenção era possibilitar ricas experiências artísticas na ponte entre o espaço de formação e o exercício profissional do bailarino, entendendo que o jovem formado pela escola (aos 17 ou aos 18 anos) ainda pode amadurecer e vivenciar a profissão e sedimentar a experiência por mais dois anos em suas dependências (YAMAUCHI, 2017). Essa proposta incluía oportunidades de apresentação nos palcos da cidade, infraestrutura de produção, monitoramento e acesso a aulas em companhias, ensaios regulares, devolutivas da coordenação, exercícios de criação com coreógrafos convidados, aulas com professores da escola e convidados, aulas com vídeos para o desenvolvimento do pensamento crítico e orientados pela professora de história da dança, além de eventos promovidos pela escola, como Conversas com Artista, workshops e oferta de ingressos gratuitos.

Cursos Preparatórios para Crianças e Cursos Livres

Durante a direção de Susana e a introdução de suas novas diretrizes pedagógicas, foram implantados, em paralelo ao Programa de Formação em Dança, os cursos preparatórios para crianças e os cursos livres para adultos. Os primeiros tinham o intuito de preparar o corpo das crianças para que fossem mais permeáveis, “com possibilidades de desenvolvimento criativo e consciente, para além da execução das técnicas de dança” (YAMAUCHI, 2017). Sua preocupação principal era a de que as crianças fossem ativas e desenvolvessem o senso de coordenação motora, memorização, flexibilidade, musicalidade e organização corporal, com uma introdução à dança aos poucos. “A criança hoje em dia é muito sedentária, não brinca mais na rua. Queremos que ela volte atenção ao próprio corpo para descobrir suas habilidades e capacidades”, em suas palavras (MALACARNE, 2017).

Tais cursos visavam preparar as crianças com interesse em candidatar-se a uma vaga do Programa de Formação, e eram compostos de aulas de música aplicada à dança, danças brasileiras, iniciação à dança e balé clássico com foco em organização corporal e alinhamento. Eram também gratuitos e ministrados nas dependências da EDTM, no período da manhã, ao longo de um ano letivo, com ingresso realizado por meio de processo seletivo.

Em 2017, após meses de estudos, foi criada a primeira turma exclusivamente de meninos nos cursos preparatórios, para despertar e incentivar o interesse pelo meio artístico. “Para eles, a dificuldade em dar continuidade à dança é maior. Ela existe porque muitas vezes os familiares não incentivam e os colegas da escola tiram sarro, dizem que é ‘coisa de menina’”, segundo Susana (MALACARNE, 2017). Para ter uma ideia, para cerca de 25 meninas inscritas nos cursos existia um único menino (dado de janeiro de 2017). A intenção, assim, era diminuir essa desigualdade, unir os meninos em uma turma para que pudessem incentivar uns aos outros e destinar professores homens especialmente para lhes dar aula. Segundo ela,

é questão de oferecer uma referência, pois esse é o período mais difícil para o garoto conseguir o respeito de pessoas fora do meio

artístico ao dançar. Ainda existe um preconceito muito forte de que todo bailarino é homossexual e que não é uma profissão de verdade. Nossos professores já passaram por todas essas situações e conseguiram se formar e construir uma carreira. A troca entre os dois tem tudo para ser muito positiva (MALACARNE, 2017).

Sobre essa experiência, Susana relata:

Foi uma experiência de risco, mas muito gratificante por entender as infinitas dificuldades enfrentadas por meninos e seus responsáveis, quando esses escolhem desde cedo a dança no lugar do futebol ou judô como atividade física. Tivemos dez alunos selecionados, alguns se revelaram muito talentosos e envolvidos (YAMAUCHI, 2017).

Já sobre os cursos livres, Susana explica que eram cursos modulares ministrados pelo corpo docente da escola, com o intuito de acolher bailarinos e aspirantes da dança com aulas técnicas, teóricas ou práticas, de composição ou conscientização em dança. Foram cursos pensados para bailarinos(as) que necessitam de aulas de balé clássico e/ou dança contemporânea/moderna para sua manutenção física diária, pois não há na cidade de São Paulo cursos gratuitos para adultos, disponíveis com essa regularidade e qualidade que a escola oferece.

Os cursos livres para adultos alcançaram grande popularidade a partir de 2014: nesse ano, 740 pessoas o frequentaram, número que representa mais da metade da quantidade de alunos da escola, e lhes foi oferecida a oportunidade de participar também das apresentações de fim de ano no Theatro Municipal. Balé para homens, educação somática, danças brasileiras, dança contemporânea e moderna foram alguns dos destaques além dos já consagrados cursos de balé em vários níveis (iniciante, intermediário e avançado). Em 2015, nas grades dos cursos livres, havia 25 modalidades, entre elas vários cursos para adultos e também para crianças – visando às que não passaram no processo de seleção para novos alunos. A seleção, feita a cada ano, se dava de forma democrática: até 2015, as vagas (entre 20 e 30 para cada curso) eram definidas por sorteio público, e nos anos seguintes por preenchimento de formulário eletrônico, com solicitação de breve relato de experiências com a prática da dança/do movimento.

Os cursos livres constituíram um importante eixo de ampliação do leque de atuação da escola. Vale sublinhar, conforme lembrado pela pianista da escola Rosely Chamma, que eram cursos oferecidos à comunidade: pessoas de todas as idades e tipos físicos participavam, não apenas bailarinos profissionais, o que vai ao encontro da proposta estabelecida por Susana, de democratizar o acesso e o ensino das artes, com formação de excelência e atendimento a um público diversificado.

Integração de Pais e Alunos

Durante a gestão de Susana, foram realizados vários encontros práticos e pedagógicos com pais, mães, avós e alunos para integrar o “fazer da escola”. Em algumas das dinâmicas, segundo ela, as crianças, em roda ou em pares, convidavam seus respectivos responsáveis para dançar ou participar de um jogo, enquanto todos os professores coordenavam juntos as propostas com os conteúdos. Assim, filhos ou netos apresentavam os

desafios que já haviam vivenciado em sala de aula, mas desta vez “ensinavam” os exercícios, apoderando-se das metodologias de seus professores para orientar seus pais/responsáveis. Para Susana, o envolvimento com a responsabilidade em ensiná-los significava uma inversão de papéis, e essa relação, quase nunca vivida na rotina em casa, aproximava as partes, fortalecendo a afetividade e revertendo em altos ganhos na apropriação do conteúdo pela criança (YAMAUCHI, 2017). Quase ninguém faltava a essas atividades, que aconteceram nas turmas de 1º e 2º anos.

Os pais eram sempre convidados para participar das atividades, principalmente nas festividades e comemorações. Susana menciona o exemplo do ciclo fundamental (do 1º ao 4º ano), em que os pais participavam ativamente dos encontros e preparos das apresentações da disciplina de danças brasileiras: coco, jongo, frevo, danças indígenas, amassera (dança sobre o barro argila) e outras. A colaboração se dava por meio da confecção de roupas, adereços, sombrinhas e chapéus, do boi-bumbá, dos bichos e boizinhos de barro, das contações de histórias, além da participação nas próprias danças com as crianças. Para Susana, a integração com a família era parte essencial no trabalho de resgate da cultura popular.

Assim, ela conta que a presença dos pais era marcante em todas as mostras de música, iniciação da dança, composição e balé clássico, e ainda nas duas grandes festas: o Carnaval e a Festa Junina. A escola comemorava com música ao vivo (tocada pelos professores músicos), quadrilha a caráter, gincanas, jogos, danças, decoração, barracas de prendas, comes e bebes, tudo confeccionado artesanalmente pelos alunos e pelos pais, e orientado pelos professores e coordenadores.

Breve História da Escola de Dança do Theatro Municipal de São Paulo

A escola foi fundada em 1940, na primeira gestão de Prestes Maia, com o nome Escola Experimental de Dança Clássica. Era a época em que os antigos barões do café e a nova burguesia se encantavam com a cena cultural “europeia” da cidade: óperas, música clássica, balés de repertório. E o Theatro Municipal, inaugurado em 1911, recebia grandes nomes da dança mundial, muito patrocinado pela riqueza gerada pelas exportações de café: Anna Pavlova, Isadora Duncan, Nijinsky. As filhas da alta burguesia também sonhavam em se apresentar nesse palco com sapatilhas de ponta e tutus, e as companhias de ópera precisavam de elenco para seu corpo de baile. Além disso, no contexto internacional, os bailarinos procuravam sair de uma Europa entre guerras com destino às Américas, fator que contribuiu para a construção de uma escola de dança pública e gratuita, com todos os requintes de uma escola de elite.

Os primeiros diretores foram o tcheco Vaslav Veltchek (1897-1967) e a russa Maria Olenewa, e no início a escola se propunha a preparar bailarinos para apoiar as grandes óperas realizadas na cidade, por isso os alunos aprendiam clássico de repertório e formavam o corpo de baile do teatro⁵. Inicialmente, a instituição ocupou apenas uma sala do Theatro Municipal. A procura, porém, foi tanta que três anos depois migrou para o espaço embaixo do Viaduto do Chá⁶ (onde permaneceu até 2012). Foi nessa época, com Maria Olenewa à frente da direção, que a escola passou a chamar-se Escola Municipal de Bailados.

⁵ Semente do que viria a ser o Balé da Cidade de São Paulo, criado em 1968, então com o nome de Corpo de Baile Municipal e com uma estrutura independente da Escola de Bailados. Apenas em 1981 ele passou a se chamar Balé da Cidade de São Paulo.

⁶ Local este que, no passado, abrigou as chácaras e as residências da Baronesa de Tatuí e do Barão de Itapetininga, com suas extensas plantações de chá da Índia – daí o nome Viaduto do Chá.

Aos poucos, a escola recebia um corpo discente com novas prioridades, e o ensino se tornou cada vez mais profissionalizante. Nos anos 1970, o Corpo de Baile do Theatro Municipal, que até então se dedicava exclusivamente ao classicismo, vive o fim da era dos repertórios tradicionais. Na mesma linha, no fim dos anos 1980, os diretores Ady Addor e Klauss Vianna tentaram disseminar uma mentalidade moderna ao Municipal e implantar inovações didáticas e artísticas na instituição, com a proposta de unir a dança clássica à contemporânea, “revelar a dança que já está no corpo” e apontar para uma participação mais ativa do bailarino em relação ao coreógrafo, como sujeito expressivo na criação (BOGÉA, 2014). Addor e Vianna sofreram resistência tanto dos administradores públicos quanto de professores e pais dos alunos: muitos tinham (e ainda têm, segundo Susana) uma visão romântica da dança, e esperavam da escola uma formação estritamente clássica. O clima político também não ajudava.

Klauss Vianna, em breve passagem como diretor da escola, buscou romper com os padrões vigentes e sugeriu mudanças: propôs aos alunos apenas duas aulas de balé clássico por semana, aulas de dança criativa, com brincadeiras, dança não clássica e jogos, e levou professores de dança moderna como Ruth Rachou e Célia Gouvêa. Foi muito criticado, porém, por criar um curso noturno de balé só para homens – curso que acabou sendo fechado em 1987 pelo então prefeito Jânio Quadros, que proibiu a entrada de homossexuais na escola. Por criticar a medida do prefeito, o bailarino e ex-diretor da escola foi agredido em frente à sua casa.

As iniciativas de Klauss Vianna não duraram muito. Foi só no início da década de 1990 que o então diretor Acácio Vallim Jr., com apoio de uma política cultural definida pela prefeita Luiza Erundina (1989-1992), conseguiu mudar o regimento interno da escola e incorporar elementos da dança contemporânea à grade curricular, algo próximo dos ideais de Klauss Vianna, e que tiveram alguma continuidade na gestão de Esmeralda Penha Gazal (que antecedeu Susana Yamauchi).

O Programa de Formação em Dança hoje tem duração de nove anos e inclui três ciclos: fundamental, intermediário e profissionalizante. Não é preciso ter experiência anterior em dança para ingressar, é gratuito e aberto para a comunidade. Em geral, em dezembro de cada ano são abertas vagas para novos alunos e os candidatos são selecionados em audições. O que não é tarefa fácil: mais de 800 candidatos costumam concorrer às quase 80 vagas nas audições, a maioria delas para o primeiro ano do ciclo fundamental, em que a média é sete candidatos por vaga. Durante os exames práticos, as crianças de 7 e 8 anos são avaliadas segundo coordenação motora, orientação espacial, prontidão, atenção e capacidade criativa e de inserção em grupo. Já para os adolescentes entre 13 e 15 anos que querem entrar no quarto ano da escola a seleção é realizada numa média de 25 candidatos por vaga (dados de 2015). Em 2017, a escola chegou a contar com cerca de mil alunos nos cursos de formação.

Considerações Finais

A EDTM foi um marco inaugural da dança em São Paulo. Tornou-se referência e se constituiu como único centro de ensino desse gênero, público e gratuito na cidade. Em 2015, completou 75 anos de atividade e, ao longo dessas décadas, vem contribuindo para a evolução e a democratização da

dança paulistana e formando inúmeros e importantes bailarinos e professores que seguem atuando nos cenários nacional e internacional. Durante sua existência, passou evidentemente por várias reformulações pedagógicas, ampliando disciplinas e procedimentos para dialogar com as necessidades artístico-culturais da classe, do mercado de trabalho e da cidade, mas a sua história tão longeva é algo que exige respeito e impressiona as medidas de descontinuidade de política cultural dos dias de hoje.

O trabalho de Susana ampliou as possibilidades de ação e formação da escola, aprofundando seu caráter democrático de escola pública e de qualidade. Susana, que teve a oportunidade de ter uma formação com grandes professores da dança clássica e contemporânea da cena nacional e internacional, sabe da importância que as diferentes modalidades exercem durante a formação artístico-pedagógica dos alunos. Sabe também que tão importante quanto aprender códigos e passos de dança é aprender a inventá-los, a pesquisar e criar sequências de autoria própria. E foi isso que imprimiu na transformação curricular que trouxe à escola: uma oportunidade de as crianças se apropriarem de seus corpos e sua arte, aprenderem, a partir de abordagens de Laban, de que forma as danças clássicas, modernas, contemporâneas, brasileiras e demais disciplinas que cursam nos nove anos de formação lhes agregam em termos de movimentação, coordenação motora, consciência corporal, formulação lúdica, repertório artístico e experiência de criação cênica. E entenderem que, com toda a bagagem e conteúdo apreendido ao longo do tempo, são capazes de trilhar diferentes caminhos dentro do campo da dança e, afinal, construir seus próprios percursos. Dito de outra forma, Susana estimulou a liberdade criativa dos aprendizes, de forma a saberem que são dotados de habilidades técnicas, mas artísticas e criativas também, e que são livres para dançar e desenhar seus próprios passos se assim o quiserem.

De diferentes maneiras, a forma como Susana concebeu a direção da escola mostrou que a dança não é destinada somente aos corpos alongados, longilíneos, fortes, habilidosos e talentosos por natureza, mas também àqueles desejosos de viver a dança, de estudá-la, de compreendê-la por meio da construção de sua historiografia, de se pôr em movimento e de pensar e criar dança a partir de seus próprios corpos e capacidades criativas. Isso pode ser observado no curso preparatório criado para crianças e para meninos, e principalmente nos cursos livres para adultos, com a abertura de muitas diferentes modalidades, voltadas para diversos perfis de pessoas interessadas em dança e movimento. E ainda procurou atrair outro público, o dos pais e responsáveis pelos estudantes, a fim de conscientizá-los sobre o que é dança e de deixar que aprendessem com o trabalho realizado pelos próprios jovens.

Assim, ampliou o espectro da formação artística, tornando o ensino de dança e a própria escola mais acessíveis à comunidade. Segundo a diretora, "as experiências aplicadas na Edasp desse período não só fomentaram a progressão curricular com acesso gratuito à educação em dança como também foram rico celeiro de trocas entre artistas, professores, alunos, pais, profissionais e amadores interessados" (YAMAUCHI, 2018). Para o secretário Carlos Augusto Calil, "Susana goza de muito prestígio na comunidade e teve condições de implantar a mudança. A escola deu um salto em direção ao contemporâneo". Tais palavras podem ser ilustradas pelas fotos das apresentações realizadas em 2016, nas próximas páginas (muito embora fotos mostrem momentos estáticos e não a dança em movimento). Já em palavras de um dos professores de balé da EDTM:

A dança vai além do balé clássico. Hoje na escola vemos como as crianças se mexem bem, o corpo passou a ter uma importância grande, e não só esticar os pés, e isso observamos na montagem que acabamos de fazer: *O Quebra Nozes* [peça de repertório apresentada em dezembro de 2017, já sob a nova direção de Priscilla Yokoi], em que os alunos deram um show de corporalidade e desenvoltura, tudo graças a esse trabalho. O legado [deixado por Susana] já está aí, todos os trabalhos além do balé agora são valorizados e isso está instalado na escola espero que para sempre. A nova direção não vai poder abandonar essa vertente, vai ter de aprender a trabalhar com toda a demanda, o que é bom para todos, provoca movimento, e é isso que se espera de uma escola de dança (PEDRO, 2017).

Apesar da excelência com que Susana exerceu o cargo de diretora, sua atuação foi interrompida durante o ano de 2017, frustrando os planos de conclusão da 1ª turma (iniciada em 2012), que teria a chance de ser totalmente formada dentro das novas diretrizes, e a implementação e o aperfeiçoamento do Programa Artístico-Pedagógico. A direção foi então assumida pela bailarina Priscilla Yokoi, cujos primeiros movimentos já indicaram mudanças na nova gestão: reimplantação de uma lógica com foco na qualidade técnica do balé clássico, com maior espaço destinado ao tradicional tutu e à sapatilha de ponta, apresentação de peças clássicas em festivais de dança pelo país e introdução do ensino de canto, sapateado e teatro no currículo pedagógico da escola, com intenção de formar profissionais voltados para o mercado de trabalho de peças musicais, grandes companhias nacionais e internacionais etc.

Além disso, os cursos livres oferecidos na Praça das Artes passaram a ser direcionados a bailarinos profissionais (com DRT), com limitação de idade – e para os dançarinos não profissionais há a opção de cursos que acontecem atualmente no espaço do Centro Cultural Santo Amaro, que tiveram início em junho de 2018 e cuja seleção foi realizada por meio de sorteio público⁷. Assim, essas mudanças na direção, acompanhadas de uma pequena alteração no nome da escola [que passou a se chamar Escola de Dança do Teatro Municipal de São Paulo (EDTM)], parecem trazer um pensamento mais tradicional, quase oposto ao que Susana imprimiu ao longo dos quase sete anos em que esteve à frente, quando o mercado de trabalho não aparecia como mote de sua missão, mas como consequência do trabalho desenvolvido, realizado a partir da implementação de uma estrutura curricular contemporânea, pensando nas danças de forma integrada.

“Na política, os projetos avançam e recuam ao sabor dos caprichos”, desabafa o secretário Calil. Afinal, mudanças de diretrizes foram comuns ao longo da história da escola, como ocorreu na década de 1990, quando Acácio Vallim Jr. assumiu a direção por poucos anos, trazendo seu olhar de formação heterogênea e contemporânea ao contexto conservador em que o ensino se encontrava. Em relação às intermitências políticas, Susana procura olhar mais à frente e observa que existe muito ainda a conquistar para garantir o Programa de Formação menos suscetível a instabilidades político-administrativas a cada quatro anos, para obter apoio e visibilidade no contexto brasileiro e junto a instituições internacionais, para buscar parceiros que fomentem o ensino e a pedagogia da escola e para obter confiabilidade e reconhecimento do trabalho desenvolvido nas instâncias superiores da instituição. Enfim, o caminho é longo e árduo! (YAMAUCHI, 2017).

⁷ Há alguns anos existe o desejo da escola de expandir suas ações para equipamentos culturais de outras regiões do município, para assim descentralizar a demanda de formação de dança pelo território; o que parece ter ocorrido, porém, foi uma segregação dos participantes: enquanto bailarinos profissionais frequentam os cursos na Praça das Artes no centro da cidade, pessoas sem uma educação formal de dança participam dos cursos oferecidos na Região Sul, onde apenas 43 vagas foram oferecidas no segundo semestre de 2018, para os três cursos: dança contemporânea para adolescentes, dança contemporânea e danças brasileiras (ambos para adultos).

Anexo

Fotos da apresentação dos alunos em setembro de 2016 (cedidas pela assessoria de imprensa da Praça das Artes).



Travessia, coreografia de Flávio Lima (foto: Sylvia Masini)



Versos Sotânicos, coreografia de Fernando Machado (foto: Sylvia Masini)



Contos da Aldeia, coreografia de Luis Augusto Ribeiro (foto: Sylvia Masini)



A Linguagem das Flores, coreografia de Raimundo Costa (foto: Sylvia Masini)

Referências Bibliográficas

ALVES, A. Dança: encontros notáveis. *Jornal Cruzeiro do Sul*, São Paulo, set. 2012. Disponível em: <<http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/420827/danca-encontros-notaveis>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO. In: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bal%C3%A9_da_Cidade_de_S%C3%A3o_Paulo>. Acesso em: 18 jul. 2018.

BIDERMAN, I. Única pública do gênero na cidade, Escola de Dança de SP faz 75 anos. *Revista São Paulo São*, São Paulo, nov. 2015. Disponível em: <<https://saopulosao.com.br/nossas-pessoas/974-%C3%BAnicap%C3%BAblica-do-g%C3%AAnero-na-cidade,-escola-de-dan%C3%A7a-de-spfaz-75-anos.html#>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

BOGÉA, Inês. *Caminhos cruzados: teatro de dança Galpão (1974-1981)*. São Paulo: Ed. Sesc, 2014.

CALIL, C. A. (<carlos.augusto.calil@gmail.com>). Relato sobre sua experiência enquanto secretário municipal de Cultura de SP (2005-2012), referente às transições de direção da EDTM [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <joberezin@gmail.com> em dez. 2017.

CHAMMA, R. Relato sobre sua experiência enquanto pianista na EDTM no período da transição de direção [mensagem pessoal]. Mensagem recebida em dez. 2017.

ENTREVISTA – Esmeralda Penha Gazal. *Mundo Bailarinístico*. Disponível em: <<http://www.mundobailarinistico.com.br/2013/07/entrevista-esmeralda-penhagazal.html>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ESCOLA DE DANÇA de São Paulo abre inscrições. *Dança Brasil*. Disponível em: <<http://www.dancabrasil.com.br/escola-de-dan%C3%A7a-de-s%C3%A3o-pauloabre-inscri%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

FRANKLIN, L. Escola de Dança de São Paulo inaugura sua primeira filial. *Veja*, São Paulo, jan. 2018. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/teatro-municipal-academia-danca-filial>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

LIMA, F. Relato sobre sua experiência enquanto professor de dança contemporânea na EDTM no período da transição de direção [mensagem pessoal]. Mensagem recebida em dez. 2017.

MALACARNE, J. Escola de Dança de São Paulo cria primeira turma só para meninos. *Crescer*, São Paulo, jan. 2017. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2017/01/escola-de-danca-de-sao-paulo-cria-primeira-turma-so-para-meninos.html>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

MANZINI, Yaskara (Org.). *Centro de Referência da Dança da Cidade de São Paulo: a tradição e o cotidiano dançante no Vale do Anhangabaú – relatório de gestão ago/2014 a dez/2015*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura em parceria com a Cooperativa Paulista de Dança, 2016. Disponível em: <http://www.crdsp1.com.br/arquivos/1718/conteudo/imagens/634925/livro_centro_de_referencia_da_danca_da_cidade_de_sao_paulo_a_tradicao_e_o_cotidiano_dancante_no_vale_do_anhangabau.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

NÚCLEO LUZ. *Institucional Projeto Pedrinho – Projeto Espetáculo – Programa Fábricas de Cultura 2007-2008*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=114&v=zti9fJi5OEs>. Acesso em: 20 ago. 2018.

PEDRO, P. V. P. Relato sobre sua experiência enquanto ex-professor de balé na EDTM no período da transição de direção [mensagem pessoal]. Mensagem recebida em dez. 2017.

PINTO, S. M. A. Escola Municipal de Bailado de São Paulo: silêncio e movimento (1940-1992). *iDança*. São Paulo, fev. 2004. Disponível em: <<http://beta.idanca.net/escola-municipal-de-bailado-de-sao-paulo-silencio-e-movimento-1940-1992/>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

PONZIO, A. F. Yamauchi volta com *A Face Oculta*. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, mar. 1997. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq190307.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

_____. Canções do rei ganham novas versões e coreografia no Sesi. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, out. 1999. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1610199919.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

PROGRAMAÇÃO DO THEATRO MUNICIPAL. Ex-site do Theatro Municipal de São Paulo. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/teatromunicipal/progr_amacao/index.php?p=4616>. Acesso em: 29 nov. 2017.

PRONSATO, Laura. *Em equilíbrio precário: o trabalho do profissional da dança em ações socioeducativas*. Tese de doutorado em educação – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SÃO PAULO. Fundação Theatro Municipal de São Paulo e Secretaria Municipal de Cultura. *45 anos da Escola Municipal de Música de São Paulo. Mostra da Escola de Dança de São Paulo*. Theatro Municipal de São Paulo – temporada 2014. São Paulo, jan. 2016. Disponível em: <<https://issuu.com/theatromunicipal/docs/1411-tmsp-escolamusica45anos-web-2>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SÃO PAULO. Fundação Theatro Municipal de São Paulo e Secretaria Municipal de Cultura. *75 anos da Escola de Dança de São Paulo, Escola Municipal de Música de São Paulo e Ópera Studio*. São Paulo, jan. 2016. Disponível em: <<https://issuu.com/theatromunicipal/docs/15-11-tmsp-programaescolas-web>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SÃO PAULO. Fundação Theatro Municipal de São Paulo e Secretaria Municipal de Cultura. *Escola de Dança de São Paulo – Atelier Balé Jovem – Maio 2016*. São Paulo, maio 2016. Disponível em: <<https://issuu.com/Theatromunicipal/docs/escoladedanca-atelierbalejovem-maio>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SÃO PAULO. Fundação Theatro Municipal de São Paulo e Secretaria Municipal de Cultura. *Fundação Theatro Municipal de São Paulo: temporada 2013. Escola de Dança de São Paulo – Teatro João Caetano*. São Paulo, out. 2013. Disponível em: <https://issuu.com/theatromunicipal/docs/theatro_municipal-j_caetano-program>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SÃO PAULO. Fundação Theatro Municipal de São Paulo e Secretaria Municipal de Cultura. *Fundação Theatro Municipal de São Paulo: temporada 2013. Escola de Dança de São Paulo – Theatro Municipal*. São Paulo, out. 2013. Disponível em: <https://issuu.com/Theatromunicipal/docs/theatro_municipal-escola_de_danca_2>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. *Em Cartaz: cultura em quatro anos. Edição especial balanço de gestão. Resumo das principais ações da gestão municipal entre 2013 e 2016*. São Paulo, dez. 2016. Disponível em: <<https://issuu.com/emcartaz/docs/emcartazbalanco2016>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

YAMAUCHI, S. (<yamauchisusana@gmail.com>). Relato sobre sua experiência enquanto diretora da EDTM [mensagem pessoal]. Mensagens recebidas por <joberezin@gmail.com> em dez. 2017 e nov. 2018.

Cátedra Olavo Setubal **de Arte, Cultura e Ciência**

Parceira



Realização

